

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

A PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DO GRANDE DICCIONARIO DO PORTUGUEZ DE FREI DOMINGOS VIEIRA1 : UMA LEITURA DE DINHEIRO DO SÉCULO XIX AO XXI



THE PRAGMATIC PERSPECTIVE OF THE *GRAND DICCIONARIO DO PORTUGUEZ* BY *FREI DOMINGOS VIEIRA*: A READING OF MONEY FROM THE 19th TO THE 21st CENTURY

ENILDE FAULSTICH
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 07/04/2019 • APROVADO EM 31/05/2019

Abstract

In the ADVERTENCIA of the *Grande Dicionario do Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, from 1871, by Dr. Frei Domingos Vieira, there is a justification for the mission of concluding the work when the editors state: “from now on, no one will give a step forward in the Portuguese lexicology without having in front of their eyes this true TREASURE we now offer.” (p. 1). In light of such a statement, in our exposition we will consider aspects of ‘lexicology’ by analyzing some data collected in Frei Vieira’s work, primarily in § 7º, p. XLIX, Changes in Meaning, in which the author relates lexical words that acquired new meanings along the historical development of the Latin language to the

Portuguese language used at the time. With this proposal, we will situate our reflections in Philology and Linguistics through the studies of Lexicology and Lexicography. The partial exposition of the dictionary aims to demonstrate that, even though the work was written in the 19th century, there was concern towards use due to the interferences resulting from several changes in the root of the words which affected meaning. We use the comparative method to analyze different times in the Portuguese language lexical semantics; the starting point is Vieira's description from the Latin origin to the 19th century Portuguese as a basis for the comparison, up to the present time, when we widen our scope to this century's bitcoins.

Resumo

Na ADVERTENCIA do *Grande Dicionario do Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, com data de 1871, pelo Dr. Frei Domingos Vieira, aparece uma justificativa sobre a missão de concluir a obra, quando os editores declaram: “ninguem d’ora avante dará um passo na lexicologia portugueza sem ter deante dos olhos este verdadeiro THESOIRO que aqui offerecemos.” (p. 1). Em vista dessa afirmativa, consideraremos em nossa exposição aspectos da ‘lexicologia’, por meio da análise de alguns dados recolhidos da obra de Frei Vieira, primordialmente do § 7º, p. XLIX. Mudanças de Significação, em que o autor relaciona palavras lexicais que adquiriram novos significados no percurso histórico do latim ao português da época. Com esta proposta, situaremos nossas reflexões na Filologia e na Linguística pelos estudos da Lexicologia e da Lexicografia. A exposição parcial do dicionário pretende demonstrar que, mesmo sendo uma obra do século XIX, havia uma atenção voltada para o uso, em vista das interferências resultantes de mudanças diversas na raiz ou no radical das palavras, com repercussão no significado. O método é o comparativo para o confronto de diferentes épocas, na semântica lexical da língua portuguesa; o ponto de partida é a descrição de Vieira, da origem latina ao português - séc. XIX, como base de comparação, até o momento atual, quando ampliamos as ideias para chegar às *criptomoedas* deste século.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Linguistic policy. Terminology. Money. Coin. Bitcoin.

PALAVRAS CHAVE: Política linguística. Terminologia. Dinheiro. Moeda. Criptomoeda.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso objetivo é discutir o conceito de dinheiro e moeda no escopo do ‘estado de coisas’ que, desde séculos anteriores, reconhece que compra e venda envolvem custos e se fazem por meio de valores financeiros. A avaliação numérica de dinheiro requer uma abordagem funcional, quando o interesse é interpretar *conceitos* como processos cognitivos que ampliam o sentido de moeda

territorial, seja por derivações na morfologia das línguas, seja pelo simbolismo político que moeda detém. Moeda recebe predicções que a vinculam diretamente a uma nação ou a tornam transnacional. De modo fortuito, língua e linguagem favorecem a análise do valor de custos no decorrer do tempo.

Para discutir o assunto exposto, o artigo apresenta 6 seções, além da introdução. Na primeira, a ênfase é dada a significado e uso, como duas entidades que se relacionam diretamente à Linguagem e à Política, para argumentar os usos em conformidade com a formação lexical. Na segunda seção, a figura do fundo lexical demonstra como se amplia o universo vocabular numa sequência funcional e pragmática de cláusula e expressão. Na terceira e na quarta seções, apresentamos a descrição lexicográfica de dinheiro e bagulho para, mais adiante, chegar ao conceito de moeda; a fonte são dicionários antigos e modernos. A quinta seção dedicamos à perspectiva harmonizadora entre os termos dinheiro e moeda, em algumas línguas românicas, que têm um fundo lexical latino comum, e o inglês, língua fora do escopo latino, mas que fornece conteúdos conceituais para money e coin. Na sexta seção, o destaque é para coin, com vistas a descrever a harmonização conceitual e a atualização financeira dessa moeda, nos dias de hoje. Por fim, apresentamos, na conclusão, que dinheiro e moeda permanecem nas línguas “românicas irmãs”, mas, dinheiro, por sua vez, recebe novos conceitos e nova terminologia, tais como, coin, bitcoin, criptomoedas, que são moedas virtuais da atualidade, difundidas pelo inglês.

A SIGNIFICAÇÃO E O USO

Significado e uso são duas entidades que se relacionam diretamente à Linguagem e à Política. Coseriu e Lamas (2010), no artigo Linguagem e Política, discutem o tema sob duas premissas básicas: “a *perspectiva da política*, na qual a linguagem é considerada como uso linguístico próprio das atividades chamadas ‘políticas’ (como ‘linguagem da política’ e também como ‘linguagem da política linguística’), a *perspectiva da linguagem*, na qual o político se apresenta como dimensão essencial da própria linguagem [...] (p. 45). Incluiremos, por conseguinte, os Lexicógrafos nessas duas dimensões, em vista de que teoria e metodologia estão condicionadas ao uso. Cabe lembrar o dito aristotélico, citado por Coseriu e Lamas (2010, p. 46), de que “a linguagem está apta a deixar claro o que é vantajoso e o que é danoso, assim como o que é justo e injusto.”

No Grande Dicionario Portuguez de Frei Domingos Vieira, “uma publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado” pelos editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, há uma importante declaração de ordem política que focaliza a linguagem:

[...] O que produz a illusão que faz ver nellas [nações denominadas hoje neo-latinas ou românicas] a alguns uma raça é uma certa unidade de caracteres ethnicos e entre elles como o mais saliente e apreciavel a linguagem. Essas nações effectivamente fallam línguas tão profundamente aparentadas nas formas grammaticais,

na syntaxe, na prosodia, que é impossível deixar de as considerar como alterações especiaes de um fundo commum², ou por outras palavras, como phases paralelas e actuaes de um antigo idioma que as precedeu e as explica. (1871, introduccção, primeiro volume)

Essa percepção do mundo das neolatinas evidencia uma política de língua que considera a função social da linguagem - os usos - em vista de um fundo comum, que nos remete à formação lexical harmonizada. Mesmo assim, o objeto abstrato - a língua - funciona em consonância com o escopo gramatical que lhe rege. Dessa forma, filtros linguísticos asseguram que a semântica é a entidade política dos significados. A questão de base que se põe é: que semântica é essa? Neste trabalho, vamos atribuir ao latim o papel de fornecedor da substância semântica, uma vez que, normalmente, é, por meio dessa língua, que os dicionários chegam ao étimo, instância que, em princípio, fornece base para a derivação e para a composição.

Para a discussão dessas ideias, selecionamos duas entradas do Dicionario Portuguez de Frei Domingos Vieira, DINHEIRO e BAGULHO. Os procedimentos utilizados seguem o método comparativo, por meio de buscas de informação acordo com a ordem: i) consulta ao verbete de Vieira (1871, século XIX), como ponto de partida para conhecer a descrição lexicográfica do autor; ii) consulta ao *Elucidário das palavras, termos e frases* de Viterbo (1798, século XVIII) para confrontar o 'estado de coisas' entre dois autores de séculos diferentes; iii) consulta ao *Dicionário Manual Etymologico de Língua Portuguesa* [Contendo a Significação e Prosódia] de Adolpho Coelho (1890, fim do século XIX) para verificar como dois autores do mesmo século descrevem um objeto pela linguagem da época; iv) o dicionário *Latino - Português* de Francisco Torrinha (1945, publicação do século XX, que não interfere na descrição do Latim clássico), para atribuir ao étimo o papel de entidade do fundo; o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, século XXI), para identificar se, nessa distância temporal, os significados de Frei Domingos Vieira (século XIX) se mantêm no século XXI, em vista da afirmativa "*ninguem d'ora avante dará um passo na lexicologia portuguesa sem ter deante dos olhos este verdadeiro THESOURO que aqui offerecemos.*" (1871, introduccção, primeiro volume).

O FUNDO LEXICAL

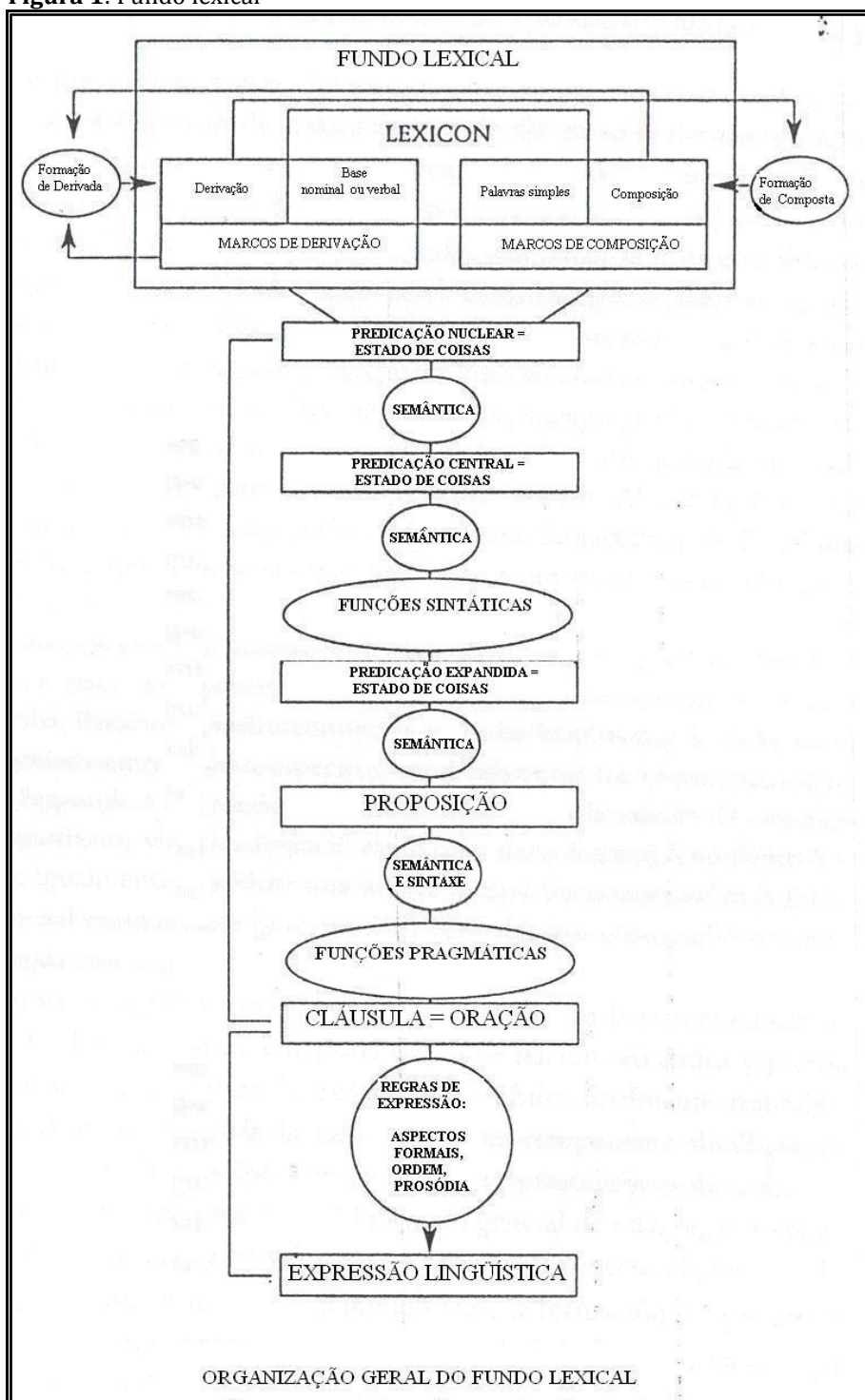
O fundo lexical demonstra os procedimentos necessários para a ampliação do universo vocabular das línguas e para o funcionamento da cláusula de linguagem, até chegar à função pragmática da expressão.

Na figura do fundo lexical (ver a seguir), organiza-se a predicação nuclear sustentada por um estado de coisas. Neves (2018, p. 96) esclarece que "um estado de coisas é o que se concebe como algo que pode ocorrer em algum mundo real (real ou mental), o que significa que essa predicação apresentada faz a descrição correta desse estado de coisas". Por exemplo, reconhecer a existência de um

mundo em que *aplicar (alguém) (dinheiro) = José aplicou o dinheiro*, é possível detectar que a expressão linguística denota algo percebido no mundo; é provida de representação de algo dito sustentada por funções sintáticas e pragmáticas. Neves (2018, p. 94), com base em Dik (1989, 50; 1997, 50) observa que “a estrutura subjacente da oração é uma estrutura abstrata na qual podem ser distinguidas diversas ‘camadas’ de organização formal e semântica. [...] As regras de expressão, que fazem a mediação entre essa rede subjacente e a forma real das expressões linguísticas, também formam uma estrutura complexa”.

Desse modo, no conjunto, as funções sintáticas, pragmáticas e semânticas produzem as regras do cenário para a expressão linguística, que, é, por fim, o componente de saída, no evento discursivo. No todo, a Figura 1 demonstra que as funções gramaticais promovem a compreensão do ‘estado de coisas’, como as vemos no mundo das ontologias, entendidas como relação entre conceitos ligados para que a informação se complete num espectro de mapa conceitual. As ontologias organizam as inferências, do mundo real, sobre os objetos de áreas do conhecimento e reorganizam os significados num dicionário mental.

Figura 1: Fundo lexical



Fonte: Autoria de S. Dik (apud VELASCO, 2003), adaptada por nós para fins didáticos.

Essa projeção é útil para a representação das mudanças por que passam formas e significados, nos dados descritos. As expressões linguísticas selecionadas – como itens lexicais de entrada de verbete, seguidas das definições dos autores –, resultam do filtro das funções por que itens lexicais passam no uso quotidiano. A correspondência entre estrutura e ontologia se dá nas propriedades gerais, ao

mesmo tempo em que as propriedades particulares dos seres em movimento funcional, formam uma série sistêmica de fases associadas, de eventos, de ações interconectadas. Assim sendo, as estruturas ontológicas e gramaticais emolduram a compreensão do 'estado de coisas'. (FAULSTICH, 2012, p. 368-9) que são transcritos nos dicionários.

DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICA

Serão dois, em princípio, os objetos de análise – *dinheiro e bagulho* -, com comentários sobre a expansão lexical de ambos, na gramática derivacional e na composicional, na semântica e na pragmática. A descrição aparece no formato dos verbetes dos autores, com os cortes necessários para a centralização no tema deste trabalho.

A - DINHEIRO

1 - Frei Domingos Vieira (1871)

DINHEIRO, s. m. (Do latim dinarius)

Toda a espécie de moeda de ouro, prata, ou de liga, numerário, signal representativo de todos os valores.

2 - Elucidário de Viterbo (1798)

Dinheiro¹. Hoje damos este nome a toda e qualquer moeda corrente, ou que algum dia serviu na comutação das cousas, e que é lavrada de ouro, prata, cobre ou outro qualquer metal; prescindindo aqui do que se chamou ou chama *dinheiro*, como barro, papel, sola, pau, algodão, pano, conchinhas, etc., com que várias nações e por mui diferentes motivos, compravam e vendiam reciprocamente os efeitos da sua arte ou indústria, e as produções mesmo da natureza.

3 - Manual Etymologico de Adolpho Coelho (s/d; 1890?)

Dinheiro, s. m. Moeda romana de prata que valia a princípio dez a-ses. Antiga moeda portuguesa que era um duodécimo do soldo. [...] Toda especie de moeda. (Lat. denarius).

4 - Latino – Português de Francisco Torrinha (1945)

latim dinarius ii [deni], m. 1. Denário (moeda que primeiramente valia dez asses e mais tarde dezasseis asses) asse, moeda de cobre; dinheiro. **denarius, a, um**, adj. De dez; que contém o número dez.

nummus, i, m. 1. Moeda; dinheiro amoadado; dinheiro [...]

5 - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009)

dinheiro *Datação*: 1269

substantivo masculino

1 Rubrica: economia.

meio de pagamento, na forma de moedas ou cédulas, emitido e controlado pelo governo de cada país

1.1 Derivação: por extensão de sentido.

cédula e moeda us. como meio de pagamento

2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: economia.
tudo aquilo que pode ser convertido em dinheiro (ações, títulos, cheques etc.)

3 Rubrica: economia.

qualquer montante de dinheiro, especificado ou não

4 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: economia.

riqueza, fortuna, capital

Etimologia lat.vulg. **dinarius*, do lat.cl. *denarius*, 'dezena, denário, qualquer moeda'

B - BAGULHO

1 - Frei Domingos Vieira (1871)

BAGULHO, s. m. Granulo ou sementes que contêm no bago da uva; na linguagem popular se lhes chama Grainha e Graulho.

- Syn. Bagulho, *Grainha*: Na linguagem oral do século XVIII, dava-se o nome de bagulho ao bagaço ou brolho; a *grainha*, ao caroço miudo de certas fructas. =. Modernamente estes dous vocabulos restringiram-se e aproximaram-se.

2 - Elucidário de Viterbo (1798)

Não registra.

3 - Manual Etymologico de Adolpho Coelho (s/d; 1890?)

Bagulho, ba-gú-lho, s. m. Os granulos, granitos, sementes do bago da uva. (Bago, suf. *ulho*).

1. Bago, bá-go, s. m. Bago da uva. Cousa semelhante ao bago de uva. (*Baga*.)

Baga, bá-ga, s. f. Fructo pequeno, carnudo, sem caroço, cujos grãos se acham no meio da polpa. Grossa gotta de água, suor, etc. (Lat. *bacca*)

4 - Latino – Português de Francisco Torrinha (1945)

baça, melhor que **baça**, **ae**, f. 1. Baga (duma árvore). 2. objecto em forma de baga; a) azeitona; b) pérola; c) bola; d) anel em forma de baga.

5 - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009)

bagulho *Datação: sXV*

substantivo masculino

1 Rubrica: botânica. Uso: informal.

semente da uva e de outros frutos bacáceos

2 Uso: informal.

objeto usado e/ou de má qualidade; traste, cacaréu

3 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

coisa, objeto, pertence (qualquer objeto)

Exs.: *me passa esse b. aí*

trouxe seus b.?

4 m.q. **vasculhador** ('vassoura')

5 Regionalismo: Brasil. Uso: linguagem de delinquentes.

objeto roubado ou furtado

6 Derivação: por extensão de sentido (da acp. 2). Uso: informal.

pessoa muito feia ou muito envelhecida, acabada

7 Regionalismo: Brasil. Uso: linguagem de drogados.

m.q. **maconha** ('droga')

8 Derivação: por metonímia. Regionalismo: Brasil. Uso: linguagem de drogados.

cigarro de maconha.
Etimologia ²*bago* + *-ulho*

²**bago** *Datação*: 1706-1728

substantivo masculino

1 cada um dos frutos de um cacho de uvas

2 Derivação: por extensão de sentido.

qualquer fruto carnoso, ger. sem semente ou com semente diminuta, semelhante à uva

3 Derivação: por extensão de sentido.

qualquer grão miúdo

Ex.: *b. de trigo*

4 Derivação: por extensão de sentido.

grão de chumbo

5 Derivação: por extensão de sentido.

conta de rosário

6 Uso: informal.

m.q. *testículo* (tb. no pl.)

7 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Diacronismo: obsoleto.

cédula ou moeda de mil-réis; bagarote

8 Uso: informal.

qualquer montante de dinheiro; bagalhoça, bagarote

RESULTADO DA DESCRIÇÃO COM VIÉS COMPARATIVO

Nas definições de dinheiro, a evidência monetária é atribuída ao item lexical moeda que ocupa, no decorrer do tempo, o papel de hiperonímia genérica em relação a dinheiro. Na relação comparativa entre os dicionários, dinheiro e moeda estão em estreita relação de significado, sendo que moeda já aparece com as expansões, resultantes das predicções, à direita. Consideraremos, para observação, as predicções mais frequentes nos dicionários. Assim, dinheiro é, em 1798, moeda *de prata*; 1871: moeda *de prata*; 1890: moeda *de prata*. Por sua vez, o dicionário de 2009 também apresenta como referência o uso informal, no Brasil, *bagarote* e *bagalhoça*, que, na relação da intensão-extensão de um conceito, merecem comentários adiante.

Na síntese seguinte, aparece reiteradamente a predicção *de prata* para moeda, com reflexo em línguas latinas modernas, como registraremos na discussão sobre harmonização, na próxima seção.

DINHEIRO

1 – Frei Vieira (1871)	2 – Viterbo (1798)	3 - Adolfo Coelho (s/d; 1890?)	4 – Torrinha (1945)	5 – Houaiss (2009)
moeda de ouro, prata, ou de liga	moeda corrente lavrada de ouro, prata, cobre ou outro qualquer metal	moeda romana de prata que valia a princípio dez a-ses	moeda de cobre	meio de pagamento, na forma de moedas ou cédulas, emitido

				e controlado pelo governo de cada país
	[moeda] barro, papel, sola, pau, algodão, pano, conchinhas	Toda especie de moeda	Denário (moeda que primeiramente valia dez asses e mais tarde dezasseis asses)	7 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Diacronismo: obsoleto. cédula ou moeda de mil-réis; bagarote 8 Uso: informal. qualquer montante de dinheiro; bagalhoça, bagarote
latim dinarius		Lat. denarius	latim dinarius , ii	Etimologia lat.vulg. * <i>dinarius</i> , do lat.cl. <i>denarius</i> , ii 'dezena, denário, qualquer moeda'

Os excertos, extraídos dos verbetes da palavra-entrada dinheiro, mantêm o mesmo conteúdo semântico no decorrer dos séculos, porém com breves diferenças na definição, se considerarmos a descrição do termo genérico moeda, que apresentaremos mais adiante.

Além de dinheiro ser expressão terminológica de um fundo latino *denarius* (clássico) e *dinarius* (vulgar/popular), o Houaiss registra o regionalismo de uso informal no Brasil *bagulho* e *bagarote*, como um diacronismo obsoleto que, a seguir, comentaremos.

BAGULHO

1 – Frei Vieira (1871)	2 – Viterbo (1798)	3 - Adolfo Coelho (s/d; 1890?)	4 – Torrinha (1945)	5 – Houaiss (2009)
Granulo ou sementes que contêm no bago da uva	Não há registro	Os granulos, granitos, sementes do bago da uva. (Bago, suf. <i>ulho</i>).	Objecto em forma de bago; a) azeitona; b) pérola; c) bola; d) anel em forma de bago.	Semente da uva e de outros frutos bacáceos
				objeto usado e /ou de má qualidade; traste, cacarêu

			baça , melhor que bacca , ae	Etimologia ² bago + <i>-ulho</i>
				² Bago , cada um dos frutos de um cacho de uvas. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 8 Diacronismo: obsoleto. cédula ou moeda de mil-réis; bagarote

Bagulho, nas acepções, ora é semente, ora é bago. Nem um, nem outro é reconhecido hoje com essas acepções. O significado mais frequente é o que aparece no Houaiss, na acepção “**2** Uso: informal. Objeto usado e/ou de má qualidade; traste, cacarêú” e, na acepção, “**6** Derivação: por extensão de sentido (da acp. 2). “Uso: informal, pessoa muito feia ou muito envelhecida, acabada.” No estado de coisas, do fundo lexical dinheiro, ‘bagulho’ tem acepções de valor minoritário, ainda que, no uso informal, seja entendido como qualquer montante de dinheiro, o que do ponto de vista estrutural da língua é discutível. Diferentemente de dinheiro e dinarius cuja relação é previsível nos marcos do fundo lexical, bagulho, como uma expressão semântica aproximada a dinheiro ou moeda, não se situa nem no marco de derivação, nem no de composição do fundo lexical. Possivelmente, seja extensão figurativa por metáfora.

Sob a interpretação da política da linguagem, a semântica de *bago-* insere a expressão num campo lexical de ‘coisas pequenas’. Bagulho, que tem bago como ponto de partida, garante lugar no marco da derivação do fundo, porque Coelho registra *bago*, *suf. ulho* e Houaiss: *bago+-ulho*; Houaiss relaciona bagulho a dinheiro, como diacronismo, com significado obsoleto de ‘cédula ou moeda de mil-réis; bagarote.’ Frei Vieira e Coelho registram a composição metafórica : ‘sementes que contêm no bago da uva’ e ‘sementes do bago da uva.’

Há, pelo menos, dois caminhos que se bifurcam na derivação de bagulho e de bagarote. Bagulho de base *bago+*sufixo *ulho* tem pelo sufixo reiteração do significado de ‘pequeno’, proveniente do latim *-culu-*, que aparece em expressões raras como ‘animálculo’ e *-cula-*, como em ‘película’ com etimologia latina ‘película’ que corresponde a ‘pelezinha’, diminutivo de ‘pele’. (Houaiss, 2009, verbete película). O fato de, em ‘película’, o sufixo já aparecer colado na base, apagou da memória do falante a noção de pequeno e manteve a de ‘muito fina’, transparente, diferentemente de cutícula, pelezinha, pequena porção de pele, do latim ‘cutis’.

Bagarote, derivado da base *baga* + *-r-* consoante de ligação *+-ote* sufixo, está registrado no Houaiss (2009) como regionalismo brasileiro, de uso informal e diacronismo obsoleto, com definição de ‘cédula ou moeda de mil-réis; bago; e, na acepção 2, ‘qualquer montante de dinheiro, bago; bagalhoça.’ Nessa formação lexical por derivação, o sufixo se liga à base para atribuir-lhe um significado

diminutivo, de pequeno. No entanto, a acepção 2 nega o valor de pequeno, contido no sufixo -ote e intensificado em 'bagalhoça' que quer dizer 'grande quantidade de dinheiro; dinheirama' (Houaiss, 2009).

Assim sendo, bagulho e bagarote, ao referir-se a dinheiro, são itens lexicais que no estado de coisas não têm os significados harmonizados.

HARMONIZAÇÃO DO TERMO DINHEIRO ENTRE ALGUMAS LÍNGUAS 'PROFUNDAMENTE APARENTADAS E ALTERAÇÕES DE UM FUNDO COMUM'

A título de identificação dos termos dinheiro e moeda, no uso sincrônico e em um fundo lexical comum, distribuímos, no quadro a seguir, os termos correspondentes em algumas línguas aparentadas.

DINHEIRO / MOEDA				
Catalão	Espanhol	Francês	Galego	Italiano
Diners/Moneda	Dinero/Moneda	Argent/Monnaie	Diñeiro/Moeda	Denaro/Moneta

Dinheiro e moeda coocorrem nessas línguas românicas, o que garante que estão harmonizadas, conforme o ponto de vista histórico, demonstrado na permanência no fundo lexical. Essa permanência se alarga, entretanto, no uso sincrônico da expressão em resposta à dinâmica da política das línguas. Essa macrovisão de política restringe-se, aqui, à 'política externa de língua' que, segundo nosso entendimento, 'é a que confronta as regras intrínsecas de uma língua, em consideração ao fato de que, em um mesmo território, ou além, duas ou mais línguas convivem e se inter-relacionam. É a política que "fala" sobre línguas.' (FAULSTICH, 2016).

O conceito de **moeda** [latim moneta] entra no português por volta de 1271, já com a marca de uma entidade política, uma vez que 'era cunhada com o cunho da autoridade soberana' (VIEIRA, 1871) e era um meio usado pelos governos para pagamento de bens. Esse conceito especializado provém de um fundo que deriva, na semântica pragmática, léxicos terminológicos. Esses léxicos de especialidade ou terminologias são motivados pelo 'estado de coisas' que surge expandido no mundo novo, daí que ou moeda é uma peça de metal, ou é um meio usado em transações financeiras. A cláusula depende do discurso, e o discurso, por sua vez, formula a regra que cria a expressão linguística. As criações surgem no escopo de políticas externas das línguas.

Dinheiro tem sua geografia, conforme Cohen (2014): "Os mapas mentais da geografia monetária requerem uma escolha consciente entre conceituações ou modelos alternativos, cada um incorporando um regime de representação diferente." (pág. 20).

Na metodologia para aproximação de expressões linguísticas e conceitos, a 'harmonização' é um ponto de partida de análise. Para Faulstich : "Harmonizar

línguas é combinar sistemas, de modo que o resultado seja uma relação abstrata no plano discursivo – a harmonização linguística – que expõe, no léxico e na gramática, a representação de um bilinguismo explícito por causa da conformidade conceitual consistente entre signos.” (2016, p. 64). Nesse caso, não basta, por exemplo, traduzir línguas, mas buscar estruturas sistêmicas que validem ou não o pensamento de que, em algum fundo, as linguagens próximas ou distantes se situam. Nesse panorama, as línguas se mantêm harmonizadas, relativamente a dinheiro/moeda, com diferenças ortográficas, mas com significado idêntico, uma vez que o ponto de partida é o mesmo.

Cohen (2014), ao discutir o significado da geografia monetária, observa que “As representações geográficas são inevitavelmente subjetivas – mais propriamente, intersubjetivas -, cada uma procedendo de uma perspectiva particular, baseada na interação social e incorporando uma das muitas interpretações possíveis.” (p. 15)

A questão posta nos remete ao uso francês de *argent* para dinheiro. Estabelece-se aí a metonímia, gerada no fundo, a partir do estado de coisas em que moeda era de ouro, prata ou bronze. O francês seleciona *argent*, conforme atestam Ernout et Meillet (1951): **argentum, -i** : argent; argenterie, objet d’argent; argent (monnaie, déjà dans Plaute) e em Dubois et alii (2004): **argent** Xe s. lat. *argentum* “metal”, “monnaie” et “richesse”. Vale lembrar que *argent*, no português, em algumas regiões do Brasil, é ‘prata’. Houaiss (2009) registra, no verbete ‘prata’, acepção 3: *moeda de prata* – derivação por metonímia; e, na acepção 4: *dinheiro*, derivação por extensão de sentido, regionalismo brasileiro de uso informal.

A breve discussão no entorno de dinheiro e moeda, calcada no fundo lexical de origem latina, nos induz a verificar o uso desse par lexical em uma língua que está fora do escopo de língua do ramo latino, no caso, o inglês. Então:

DINHEIRO	MOEDA
Money, cash	Coin, currency, Money, specie

Webster’s Dictionary (1961)

A – MONEY

1. something generally accepted as a médium of exchange, a measure of value, of a means of payement [...] 2. coin

Money entra ‘moneye’ no médio inglês, por meio do médio francês ‘moneie’, proveniente do latim ‘moneta’. Moneta era o sobrenome de Juno e também templo onde Juno era adorada; ali eram cunhadas moedas.

B - COIN

3. a piece of metal or rarely of some other material.

Coin entra ‘coyne’ no médio inglês, por meio do médio francês ‘coing’, ‘coin wedge’, proveniente do latim ‘cuneus’.

Como podemos observar, as expressões latinas chegam ao inglês pelo francês, que registra, desde o século XII, ‘coin de monnaie’. (Dubois, Mitterrand e Dauzat, 2004).

HARMONIZAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE COIN NOS DIAS ATUAIS

Coin é uma expressão que caminhou no tempo e, hoje, comprova que o fundo lexical antigo se mantém fonte de usos modernos. Assim é que, no quadro seguinte, é possível observar o alargamento da base *coin/moeda* no universo atual de “investidores e empreendedores do mundo inteiro”. (Revista Pequenas empresas & Grandes negócios, 2017, p. 26)

I MOEDA	II LOCALIZAÇÃO	III LUGAR DE OPERAÇÃO
criptomoeda bitcoin litecoin	coinmap	mercado bitcoin, carteira bitcoin
IV AÇÃO		
operar com criptomoeda, aceitar criptomoeda		operadora de criptomoeda

Depreendemos da leitura da revista e de consulta a sites especializados que os conceitos dão sustentação aos termos, assentados na produção dos enunciados que lhes atribuem sentido, como vemos a seguir.

I- MOEDA

criptomoeda. 1. Um tipo de moeda digital descentralizada que se utiliza da tecnologia de blockchain e da criptografia para assegurar a validade das transações e a criação de novas unidades da moeda.³ 2. Moeda que serve de meio de troca.

bitcoin. (com b minúsculo) 1. Criptomoeda gerada via internet por um processo chamado “mineração”. NOTA. Bitcoin (com B maiúsculo) se refere ao protocolo e ao conceito que está por trás da unidade bitcoin.⁴ 2. Bitcoin (BTC) é uma moeda digital criada por computadores e usada em transações na web.⁵ Nota: Também conhecido como o dólar da internet.

litecoin. (símbolo: Ł; abrev: LTC). 1. Criptomoeda sustentada por uma rede peer-to-peer e um projeto de software livre lançado sob a licença MIT. Nota1: É inspirada e quase tecnicamente semelhante a Bitcoin (BTC).^[2] Nota 2: A criação e transferência de litecoin está baseada num protocolo de criptografia de código aberto e não é gerida por uma autoridade central.^[3] Nota 3. Os desenvolvedores de litecoin pretendem tentar melhorar bitcoin ^[4] e oferecem três diferenças fundamentais.^{[5][6].⁶}

II- LOCALIZAÇÃO

coinmap. Novo mapa interativo que reúne os estabelecimentos comerciais que aceitam bitcoin (adapt)

III- LUGAR DE OPERAÇÃO

mercado bitcoin. Instituição financeira dedicada à intermediação de compra e venda de moedas digitais⁷. Nota: Serviços de câmbio de criptomoedas.

carteira bitcoin. Carteira virtual pessoal de uso restrito da comunidade monetária, para armazenagem de ganhos. Nota: A carteira virtual é um número arbitrário de chaves que “identifica” o usuário no momento em que realiza qualquer transação com bitcoins.

operadora de criptomoeda. 1. Empresa especializada na reserva e venda de moedas digitais para investimento em criptoativos. 2. Exchanges.⁸

IV- AÇÃO

operar com criptomoedas por meio de uma rede P2P (*peer-to-peer*). Realizar uma ação que possibilite o funcionamento de um sistema que vai criar novas moedas usando, para isso, o processamento do computador pessoal. Nota: A operação processada conduz a que o usuário pense que está sendo “pago” pelo serviço realizado pelo computador, já que ele funciona para toda a comunidade adepta das Bitcoins.⁹

aceitar criptomoedas. 1. Receber pagamentos com criptomoeda, desde que o recebedor crie sua “carteira virtual” para esse serviço de câmbio. 2. Intermediar compra e venda de moedas digitais por meio de uma instituição financeira dedicada a moedas digitais. 3. Realizar serviços de câmbio de criptomoedas. Notas: 1. Como cada moeda tem uma forma de funcionamento, o recebedor pode optar por uma em detrimento de outras. 2. Recebimento de pagamentos com esse tipo de moeda.

CONCLUSÃO

A comparação de dinheiro e moeda entre épocas, neste trabalho, se apoia nas datas em que em os dicionários foram publicados e, conseqüentemente, na percepção diacrônica-sincrônica, inscrita nas referências lexicográficas. Nesse percurso no tempo e no espaço geográfico, a concepção semântica internacionalizada pelas línguas europeias permanece e as denominações mantêm-se “irmãs românicas”. Por sua vez, para reportar o conceito de dinheiro no mundo novo, de língua inglesa, fez-se necessário lançar mão da abordagem contrastiva, visto que, em alguma época e em certos territórios, traços de latinidade subsistiram por força da expansão das línguas e das linguagens, por meio das quais as pessoas interagem e os povos se comunicam. Na atualidade, as *criptomoedas* são dinheiro, mas não bagulho. *Coin*, no Webster's (1961), assim está registrado: “¹coin \koin\ ME *coyne*, fr. MF *coin*, *coin wedge*, *stamp*, *corner*, fr. L.

cuneus wedge.” No Lexis – Larousse de la langue française (1979) – aparece “COIN (lat, cuneus) 1. Techn. Piece de métal ou de bois dur, Morceau d’acier gravé dont on se sert pour frapper les médailles ou les monnaies.” Quer seja pela proximidade, quer seja pelo distanciamento entre territórios geográficos, itens **lexicais terminológicos** preenchem lugares vazios no estado de coisas. Na linha dessas reflexões, Hjelmslev (1984, (1974), p. 79) afirma que “Cada lengua establece sus próprios limites dentro de la ‘masa de pensamiento’ amorfa, destaca diversos factores de la misma em diversas ordenaciones, coloca el centro de gravedad em lugares diferentes y les concede diferente grado de énfasis. [...] el sentido continua siendo, em cada caso, la sustância de uma nueva forma, y no tiene existênciã posible si no es siendo sustância de uma forma u outra.”

Neste artigo, partimos de dinheiro/moeda e chegamos às criptomoedas. As *cripto-* são moedas virtuais da atualidade; com esse tipo de moeda os investidores realizam ações de compra e venda, por isso estão predispostos a tributos federais, conforme a transcrição a seguir.

Imposto de Renda 2019: como declarar Bitcoins e outras criptomoedas¹⁰

Quem possui esse tipo de ativo precisa informar à Receita, da mesma maneira que a declaração de outros bens, como imóveis ou carros. **Por Karina Trevizan, G1 06/04/2019, 06h01**

O contribuinte que estiver obrigado a apresentar a declaração do Imposto de Renda 2019 e tiver Bitcoins e outras criptomoedas deve informar isso à Receita. Isso deve ser feito da mesma maneira que a declaração de outros bens, como imóveis ou carros. A valorização da criptomoeda não gera evento tributário. Mas o investidor que fez operações de vendas de mais de R\$ 35 mil no período de 30 dias e teve algum ganho de capital deve fazer a declaração do montante que lucrou, da mesma maneira que é feita por quem vende um imóvel, por exemplo.

Vista a importância que dinheiro/moeda tem no mundo da troca, na vida prática, no dia a dia, há expressões comuns que advertem sobre a importância do dinheiro no orçamento financeiro pessoal: “com dinheiro não se brinca”; dinheiro voa”; “quem tem 100, mas deve 100, nada tem”. Estas são apenas algumas fraseologias; uma das mais recorrentes, proveniente da linguagem técnica, é “dinheiro de plástico”, expressão harmonizada com cartão de crédito ou de débito, já com novo conceito incorporado:

O dinheiro de plástico agora vem tomando a forma de cartões inteligentes (smart cards) ou cartões de armazenamento, semelhante aos cartões de crédito na sua aparência, eles contêm microchips que armazenam unidades digitais de valor que podem ser trocadas por bens e serviços, como o dinheiro tradicional.

Esses cartões também são conhecidos por carteiras eletrônicas, tem o seu melhor uso como substituto do dinheiro em transações

de pequeno porte. Os Bancos já estão testando a ideia em todo o mundo, inclusive no Brasil.¹¹

A perspectiva pragmática das línguas envolve os usos sincrônicos e diacrônicos, o que significa dizer que o registro de palavras nos dicionários é complexo; exige que o lexicógrafo – o elaborador de dicionários – tenha vasto conhecimento de línguas, seja sensível ao significado das palavras, ajuste os conceitos ao ‘estado de coisas’ social, cultural e linguístico, no tempo e no espaço, e sirva-se de uma metalinguagem – metalexicografia – à altura do público que vai ler a obra.

Notas

¹ FAULSTICH, E. A Perspectiva Pragmática do Grande Dicionario do Portuguez de Frei Domingos Vieira teve sua primeira versão resumida numa conferência apresentada no XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, 2014. O artigo completo que aqui apresentamos é inédito.

² Para complementar esse pensamento, apresentamos adiante a figura do fundo lexical, proposta por S. Dik, que adaptamos com o fim de ilustrar, de modo amplo, o léxico e a gramática.

³ Ver seção de referências ‘GOOGLE’, ‘Busca criptomoedas’.

⁴ Ver seção de referências ‘FOXBIT’.

⁵ Ver seção de referências ‘TECMUNDO’.

⁶ Ver seção de referências ‘WIKIPEDIA’.

⁷ Ver seção de referências ‘GOOGLE’, ‘Busca mercado bitcoin’.

⁸ Ver seção de referências ‘REVISTA VALOR’.

⁹ Ver seção de referências ‘TECMUNDO’.

¹⁰ Ver seção de referências ‘G1 NOTÍCIAS’.

¹¹ Ver seção de referências ‘PORTAL EDUCAÇÃO’.

Referências

COELHO, F. Adolpho. **Dicionário Manual Etymologico de Língua Portuguesa**. Editora P. Plantier, 1ª Edição; única, Lisboa, s/d (1890, não declarada na obra)

COHEN, Benjamin J. **A geografia do dinheiro**. Trad. de Magda Lopes, São Paulo, Editora Unesp, 2014

COSERIU, E. e LAMAS, Óscar L. **Linguagem e discurso**. Trad. de Cecília Ines Erthal, Edit. UFPR, Curitiba, 2010.

DIK, Simon Cornelis. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. **The Theory of Functional Grammar**. Ed. By Kees Hengeveld. Part 1 – The Structure of the Clause (Functional Grammar Series 21), Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DUBOIS, J.; MITTERAND H.; DAUZAT, A. **Dictionnaire d'Étymologie**. Larousse, Montréal, Canada, 2004.

FAULSTICH, Enilde. Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso. In: **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias.**/ Tania Lobo ... [et al] Organizadoras, Salvador : EDUFBA, 2012, p. 363-379.

FAULSTICH, Enilde. Harmonização entre línguas como mecanismo de política linguística no Brasil. **Língua Portuguesa. Unidade na Diversidade**. 1ed. Lublin-Polônia: Editora da Universidade Marie Curie Sklodowska, 2016, v. 1, p. 63-78.

FOXBIT. **O que é bitcoin**. Disponível em: <https://foxbit.com.br/blog/o-que-e-bitcoin/>. Acesso em 17 de abril de 2019.

G1 NOTÍCIAS. **Imposto de renda 2019: como declarar bitcoins e outras criptomoedas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/imposto-de-renda/2019/noticia/2019/04/06/imposto-de-renda-2019-como-declarar-bitcoins-e-outras-criptomoedas.ghtml>. Acesso em 17 de abril de 2019.

GOOGLE. **Busca 'criptomoedas'**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=criptomoedas&oq=cripto&aqs=chrome.2.69i57j0l5.6658j1j>. Acesso em 17 de abril de 2019.

GOOGLE. **Busca 'mercado bitcoin'**. Disponível em: https://www.google.com.br/search?rlz=1C10KWM_pt-BRBR775BR775&ei=i9RsW6jyIYSYwQTuo4egCA&q=mercado+bitcoin&oq=MERCADO+&gs_l=psy-ab.1.6.0i131k1j0i67k1l2j0i131k1l2j0l2j0i67k1j0.9362741.9372010.0.9376175.23.22.0.1.1.0.285.2766.0j16j1.18.0...0...1c.1.64.psy-ab.5.17.2572.0..0i22i30k1j0i22i10i30k1j0i10k1.116.USu9Q-yGVeY. Acesso em 17 de abril de 2019.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegómenos a uma teoria del lenguaje**. Madrid, Gredos.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional : interação, discurso e texto**. São Paulo, Contexto, 2018.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Dinheiro de plástico**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/contabilidade/dinheiro-de-plastico/25011>. Acesso em 17 de abril de 2019.

REVISTA PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. Fevereiro/2018.

REVISTA VALOR. **Mercado nacional de criptomoedas tem operadora de nível internacional**. Disponível em: <https://www.valor.com.br/patrocinado/criptohub/criptohub/mercado-nacional-de-criptomoedas-tem-operadora-de-nivel-internacional>. Acesso em 17 de abril de 2019.

TECMUNDO. **Bitcoin: o dólar da internet**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/dinheiro/10951-bitcoin-o-dolar-da-internet.htm>. Acesso em 17 de abril de 2019.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino – Português**, 3 ed., Porto, Editora Maranus, 1945.

VELASCO, Daniel Garcia. **Funcionalismo y Linguística: la Gramática Funcional de S. C. Dik**. Espanha, Universidad de Oviedo, 2003

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa**. Editora Porto, [Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes; Rio de Janeiro [A. A. da Cruz Coutinho]; Pará [Antonio Rodrigues Quelhas] 1871, 5 Vols.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidário das palavras, termos e frases**. Edição: Crítica [baseada nos manuscritos e originais de Viterbo, por Mário Fiúza, Editora Livraria Civilização, 1ª Edição 1798, 1799; 2ª Edição 1865; 1ª Edição Crítica: 1º volume – 1965; 2º volume – 1966, Porto, 2 Vols.

WEBSTER'S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY. Britannica, Chicago, 1961;1986, V. I e II.

WIKIPEDIA. **Litecoin**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Litecoin>. Acesso em: 17 de abril de 2019.

Para citar este artigo

FAULSTICH, E. A perspectiva pragmática do Grande Dicionario do Portuguez de Frei Domingos Vieira: uma leitura de dinheiro do século XIX ao XXI **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 532-550.

O Autor

Enilde Faulstich é graduada em Língua Portuguesa (UFRJ e UnB), mestre em Linguística (UnB) e doutora em Filologia e Língua Portuguesa (USP). Desenvolveu estágio de pós-doutorado (Pós-doc) em Linguística-Terminologia e Políticas Linguísticas na Université Laval de Québec, Canadá. Professora Associada da Universidade de Brasília. É docente e pesquisadora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) da UnB.